

Orlando Soeiro Cruxên¹

Resumo

Este artigo discute o preconceito contra a homossexualidade no exercício de certos psicanalistas. Coteja algumas destas posturas, com a via inversa pela qual Freud aborda o tema. Demonstra, assim, desvios da psicanálise como prática libertadora que respeita os desejos singulares do sujeito, bem com a necessária subversão e singularidade da sexualidade humana.

Palavras-chave: Preconceito; Homossexualidade; Psicanálise.

Abstract

This article discusses the prejudice against homosexuality in the exercise of certain psychoanalysts. It presents some of these postures, with the reverse route by which Freud addresses the issue. Thus it demonstrates deviations of psychoanalysis as a liberating practice that respects the natural desires of the subject, as well as the necessary subversion of human sexuality.

Keywords: Prejudice; Homosexuality; Psychoanalysis.

¹ Orlando Soeiro Cruxên, professor adjunto da Universidade Federal do Ceará, possui graduação e mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, mestrado em Dea Psychanalyse pela Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis e doutorado em Psicopatologia e Psicanálise pela Université Paris 13 (Paris-Nord) - Campus de Villetaneuse. E-mail: ocruxen@uol.com.br.

“ Pei, matei um gay!”
Insulto dirigido a homossexuais
afeminados em Fortaleza, na década de 90.

Geni e o zepelim – Chico Buarque

“ De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada
O seu corpo é dos errantes
Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada
Dá-se assim desde menina
Na garagem, na cantina
Atrás do tanque, no mato
É a rainha dos detentos
Das loucas, dos lazarentos
Dos moleques do internato
E também vai amiúde
Co’os velhinhos sem saúde
E as viúvas sem porvir
Ela é um poço de bondade
E é por isso que a cidade
Vive sempre a repetir
Joga pedra na Geni
Joga pedra na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá para qualquer um
Maldita Geni

Um dia surgiu, brilhante
Entre as nuvens, flutuante
Um enorme zepelim
Pairou sobre os edifícios
Abriu dois mil orifícios

Com dois mil canhões assim
A cidade apavorada
Se ficou paralisada
Pronta pra virar geléia
Mas do zepelim gigante
Desceu o seu comandante
Dizendo – Mudei de idéia
- Quando vi nesta cidade
- Tanto horror e iniquidade
- Resolvi tudo explodir
- Mas posso evitar o drama
-Se aquela formosa dama
-Esta noite me servir
Essa dama era Geni
Mas não pode ser Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni

INTRODUÇÃO

Geni, um travesti, na peça Ópera do malandro, obra de Chico Buarque, é tratado no enredo como uma mulher, mais especificamente como uma santa, prostituta, tal como Geni, de *Toda nudez será castigada*, de Nelson Rodrigues.

Ela ocupa o lugar de bode expiatório, de idiota da família social. Catalisa a violência da sociedade, que, ao mesmo tempo, precisa dela para manter sua sobrevivência e coesão. Quem mais aceitaria ser a rainha dos detentos, das loucas, dos lazarentos?

Situa-se na atopia do não-todo, de um gozo suplementar mais além do falo. Ao deitar com o nobre invasor em seu imenso zepelim, preferia amar com os bichos. Traduz-se como uma donzela pós-moderna violada em prol do interesse da família normopata. Na junção do arcaico e do contemporâneo foi musa do *queer*, do estranho, que se mantém à margem do Todo social. Objeto abjeto nas circunvoluções da santidade. Objeto de opróbio.

“Joga pedra na Geni!”

Coro da tormenta homossexual contemporânea, legitimada pelo discurso pseudocientificista de alguns psicanalistas atuais. Cientificista não seria melhor.

Fizemos questão de transcrever a canção inteira, posto que ela transcende o recorte que possamos fazer dela. Na tradição de Freud e Lacan, o artista sempre antecede o cientista, com seus testemunhos do Inconsciente. A canção é provocativa, militante e suscita, portanto, várias questões, que a ditadura da heteronormatividade pretende calar.

A Psiquiatria e a Psicologia nascem como lugares de um poder normativo excludente. A Psicanálise, em seus desvios da letra freudiana, desenvolveu-se no esteio de um poder e saber coercitivos. O

objetivo deste texto inscreve-se como um alerta e sensibilização para uma postura reacionária de alguns psicanalistas, acerca da questão das homossexualidades.

Temos como método uma linha de raciocínio embasada em Freud e Lacan, bem como uma discussão sobre o tema cotejada com os desenvolvimentos teóricos de alguns autores.

CONSIDERAÇÕES FREUDIANAS SOBRE A OPÇÃO SEXUAL:

De acordo com Freud (1996 [1905], p. 132), a homossexualidade é uma orientação sexual que não se muda com uma psicanálise. A sexualidade é uma secção que coloca o sujeito em um ou outro lado, o lado homem ou o lado mulher, independente de seu sexo biológico. O sujeito se inscreve no “sexão”, pela via simbólica:

Ao contrário, a psicanálise considera que a escolha de um objeto, independentemente de seu sexo- que recai igualmente em objetos femininos e masculinos -, tal como ocorre na infância, nos estágios primitivos da sociedade e nos primeiros períodos da história, é a base original da qual, em consequência da restrição num ou noutro sentido, se desenvolvem tanto os tipos normais quanto os invertidos. Assim, do ponto de vista da psicanálise, o interesse sexual exclusivo de homens por mulheres também constitui um problema que precisa ser elucidado, pois não é um fato evidente em si mesmo, baseado numa atração, afinal, de natureza química.

Já em *Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci*, Freud deixa de se utilizar do termo inversão, uma vez que não haveria uma orientação correta e natural ao giro da pulsão em torno de seu objeto. Em *As pulsões e seus destinos* ele assinalará que o objeto é aquilo que há de mais variável para uma pulsão específica.

A homossexualidade atual situa-se como herdeira da revolução sexual possibilitada por Freud. Este, nas suas considerações sobre as neuroses atuais, considerava que as práticas sexuais empobrecidas (masturbação, coito interrompido, abstinência, etc), mantinham as toxinas sexuais capazes de alimentar os sintomas. Segundo Ney Matogrosso, em entrevista ao Canal Brasil “A AIDS caretizou tudo...” O sexo se virtualizou... mas a perspectiva do “Sexo é bom” teve uma grande contribuição freudiana. Em uma carta dirigida a uma mãe americana, cujo filho era homossexual, em 9 de abril de 1935, Freud escreve que a homossexualidade não é motivo de vergonha e que vários expoentes de nossa cultura foram homossexuais.

Testemunhamos o *boy* de uma sauna dizendo a um cliente “Você é uma das minhas noivas!... O cliente assustado, com um leve sorriso, olhou ao redor... Tratava-se de seu gozo também, ante a partilha sexual estabelecida pelo *boy*... Se eu sou o homem, você é minha mulher! Independente do seu sexo biológico. Isso quer dizer que há heterossexualidade na homossexualidade fenomênica, tanto quanto o contrário. Heterossexualidade é todo amor pela diferença, seja aonde ela estiver posta. A heterossexualidade ocorre pela secção (sexão) entre os significantes que tem o valor de oposição, de pura diferença. Onde houver metáfora, haverá, portanto, substituição. O processo em si, já revela a marca do Outro, da Outra cena.

Evidentemente, vários homossexuais se posicionam no lado homem e valorizam o falo. Alguns se organizam pela mesmice

narcísica e portam o *horror feminae*. Sem a tonalidade pejorativa, eles se inserem na perversão. Ou seja, numa certa versão do pai, *pèreversion*.

A POSIÇÃO DE ALGUNS AUTORES SOBRE O PRECONCEITO RACI-SEXISTA:

A psicanálise é o tratamento pela fala, até mesmo a cura de alguns sintomas pela dialética da fala. Que efeito pode ter um discurso estatal, ou aqueles de alguns psicanalistas, que pretendem calar? Os efeitos já se fazem sentir nos consultórios. Uma supervisionanda relatou que uma analisanda sua assistira a uma entrevista de uma psicanalista na TV, que apontou o preconceito raci-sexista existente em muitos psicanalistas. Sua analisanda homossexual, afetada por isso, desenvolveu uma transferência negativa. Entretanto, a psicanalista entrevistada fez uma constatação óbvia. Os psicanalistas reacionários não estariam fomentando aversão à psicanálise em possíveis futuros analisandos?

O sujeito (cidadão), desde a Grécia antiga é aquele que toma a palavra, na linguagem que o divide. Nasce imerso num banho de anterioridade, cunhado pelo patronímico, que lhe fornece os significantes primordiais que o constituem. Qual o sentido de impossibilitar o laço, liame, social, possibilitado pela fala, em sua relação intrínseca com a castração? Toda a estrutura da lei, do desejo e da diferença, já está posta para aquele que bem diz. O que assistimos com psicanalistas obtusos é um retrocesso indicativo de novas formas de repressão sexual e de boicote à fala.

Jorge (2011, p. 68) repertoria alguns retrocessos culturais que estão na contra corrente da psicanálise. A reeleição de Bush há alguns anos, teria sido incrementada por sua atitude contrária ao *same sex marriage*.

“Eles (os americanos) preferiram optar por exterminar outros povos e ver morrer seus filhos do que admitir a diferença posta em jogo pelo desejo homossexual. Diferença essa que se resume na formulação lacaniana: “a relação sexual não existe”.

Um evento reacionário foi empreitado por evangélicos cariocas, comandados por Rosinha Garotinho “nome graciosamente bissexual”. De acordo com Jorge (2011, p. 69):

Os psicanalistas, nesse caso, se pronunciaram para sustentar a posição de Freud apresentada em Três ensaios e desenvolvida ao longo de toda a sua obra. Acyr Maia manifestou seu repúdio em relação à ABRACEH – Associação de Apoio ao ser Humano e à Família, liderada pela psicóloga evangélica Rosângela Alves Justino e cujo objetivo seria “fornecer apoio aos homossexuais que voluntariamente desejam deixar a homossexualidade”.

Roudinesco (2009) historiciza o preconceito nascente no âmago das sociedades de psicanálise. A triste situação foi, principalmente, obra de Ernest Jones e de Anna Freud. Anna, que manteve distância dos homens enquanto se aproximava de mulheres. Pediu a um jornalista que não publicasse a carta de Freud à mãe de um jovem homossexual, já mencionada aqui.

A estenografia de liberdade que é Paris foi traída por vários psicanalistas franceses contemporâneos. De acordo com Roudinesco (2009, p. 69):

Charles Melman e Jean-Pierre Winter, que, em nome do lacanismo e da psicanálise, lançaram-se numa verdadeira cruza-

da midiática contra os homossexuais, recorrem efetivamente à concepção lacaniana de paternidade simbólica com fins de restaurar a figura perdida do pai autoritário, a qual estaria, a seu ver, ameaçada pela nova ordem homossexual.

Ao final da escrita do esboço deste artigo, foi publicado o livro *As homossexualidades na psicanálise - na história de sua despatologização*. Trata-se de uma obra vasta e ricamente documentada sobre o tema das homossexualidades. Suas linhas mestras corroboram nossas teses, aqui propostas. Vejamos algumas ideias dos organizadores, dadas em entrevista. Indagado sobre o lugar das chamadas identidades sexuais na teoria e prática psicanalíticas, Quinet (2013, p. 343), comenta:

O parceiro do sexo é um objeto que, na cama, o sujeito recorta do corpo do outro. E isso independe do gênero dos parceiros sexuais. A pulsão é sempre parcial. E o coito genital não é absolutamente uma exigência da sexualidade nem uma suposta “maturidade” da pulsão. E muito menos uma norma. A psicanálise se opõe a uma pedagogia do desejo, pois esta é uma falácia. Não se pode educar a pulsão sexual. Não se pode desviá-la para acomodá-la aos ideais da sociedade.

Mais adiante, Jorge (2013, 346) se reporta ao preconceito de certos analistas:

É impressionante ver psicanalistas lacanianos assumirem posturas tão conservadoras e malsãs, condizentes com as opiniões menos esclarecidas da população. Os

psicanalistas, quando se trata de homossexualidade, tornam-se frequentemente religiosos, no sentido de que pregam uma versão única da verdade para todos. Ora, nós sabemos que a singularidade do desejo do sujeito é a mola mestra da ética da Psicanálise, tal como sustentada por Lacan, de modo que qualquer ideal de normatização do pensamento ou do comportamento deve ser considerada antifreudiana e antilacanianiana.

O preconceito contra as homossexualidades é fundado no narcisismo das pequenas diferenças, num repúdio à castração, no não reconhecimento de uma falta constitutiva do Outro. Ele é uma repetição do preconceito xenófobo, racial ou contra as mulheres, consideradas castradas. Funda-se com ódio à alteridade. Encontramos um aprofundamento dessas premissas, com o texto de Betty B. Fuks: “Psicanálise, xenofobia: algumas reflexões”.

Betty conjuga as raízes do preconceito à judeidade da obra freudiana que se articula ao estranho dos conceitos de Inconsciente e sexualidade na subversão do desejo. Jung foi um dos expoentes que tentou uma assepsia ariana da “peste” freudiana. Fuks (2013, p. 78) comenta que “O antissemitismo de Jung – “com Freud e Adler são propagados pontos de vista especificamente judeus e, como também pode ser comprovado, pontos de vista que têm um caráter essencialmente desagregador”.

Mais adiante, Fuks (2013, p. 79) explica que Freud estava voltado “à escuta dos destinos das pulsões na cultura, o que lhe permitiu situar a xenofobia na dimensão agressiva do sujeito à diferença no outro”. A própria dimensão do estranho, comporta uma ambiguidade

que faz com o que existe de mais íntimo seja sentido com vindo de fora, ou “extimo” na expressão cunhada por Lacan.

Ainda na espessura sintomática do preconceito contra as homossexualidades, a autora (2013, p. 79) situa que “a raiz inconsciente mais forte para o sentimento de superioridade sobre as figuras da mulher e do judeu é a diferença sexual.”

Assim, vemos que as nervuras inconscientes do preconceito contra as homossexualidades têm uma epistemologia fundada no horror ao feminino incorporada ao antissemitismo pela via de um repúdio à circuncisão. Seguindo Freud, Fuks (2013, p. 79) assinala que longe “de fazer apenas uma analogia entre o Judeu e o feminino, (Freud) insistiu em demonstrar que a vivência sinistra diante da circuncisão é homóloga à impressão inquietante causada pelo sexo da mulher.”

Se os judeus transmutaram seu horror em testemunho ético contra o extermínio da alteridade, os homossexuais no pós-guerra foram constrangidos a permanecer no mutismo. A desculpa do governo alemão aos homossexuais perseguidos, só veio à luz em 2002. Na França, a homossexualidade só deixou de ser ilegal em 1981.

Um grito de revolta, entretanto, ecoou da voz de Pierre Seel em *Moi, Pierre Seel, deporté homosexuel*. Fuks (2013, p. 82) transcreve seu testemunho ante às atrocidades que antecederam o assassinato de seu namorado num campo de concentração:

Um dia os altofalantes ordenaram-nos que fôssemos imediatamente ao centro do campo. Gritos e latidos induziram-nos a chegar rapidamente. Rodeados por homens da SS, devíamos formar um quadrado e esperar firmes, como fazíamos durante as formaturas da manhã. O comandante estava presente com todos os

seus colaboradores mais importantes. Pensei que nos iam inundar de novo com sua fé cega no Reich, em conjunto com uma lista de instruções, insultos e ameaças – emulando as famosas verborreias do seu chefe, Adolph Hitler. Mas a situação era muito pior: uma execução. Dois soldados da SS trouxeram um jovem até o centro do quadrado que formávamos. Horrorizado reconheci Jo, o meu doce amigo de 18 anos.

Nem temos estômago para transcrever a carnificina nazista a qual foi submetido o jovem amado de Pierre Seel...

PARA NÃO CONCLUIR, MAS REVERBERAR...

Em uma de duas malfadadas consultas com o filósofo Jacques-Alain Miller, o mesmo nos assinalou que um homossexual nunca poderia contar com muitos pacientes. Só se poderia dizer não ao início de um tratamento ideológico deste tipo.

Vários psicanalistas esquecem que muitos homossexuais não procuram análise devido ao discurso moralista dos clínicos cínicos. Os mesmos são refêns de uma burrice não atravessada pela lógica freudiana. Instalam assim um silêncio gerador de angústia, precisamente para aqueles que têm muito a dizer.

Constatamos com Freud, a complexidade da vida sexual, bem com as singularidades do sujeito em suas escolhas sexuais, Assim, as homossexualidades são tão enigmáticas quanto as heterossexualidades.

A partir de autores mais contemporâneos, assinalamos a existência de uma

força ideológica naturalista e raci-sexista, no dizer de Braunstein, no âmbito do movimento psicanalítico atual. Tal corrente mostra-se contrária à singularidade e subversão do desejo

Ficamos aturdidos com o fato citado por Freud de que é espantosa a falta de modificação subjetiva com o Outro que deveria se esperar de uma análise exitosa. De acordo com Fucks (2013, p. 85): “Não seria esta uma das condições requeridas ao analista, em seu exercício de levar adiante a descoberta do país do Outro – O Inconsciente?”

Em nosso hiper terceiro mundo, o horror continua... A atriz transexual Viviane Beloni desenvolveu uma performance no *Gay Pride* 2015. Ela surgiu linda e crucificada na Avenida Paulista. O simbolismo é óbvio e cristão. Aterrorizada ela disse no *the day after*. “Acordei cedo com uma ligação anônima, dizendo que, eu iria morrer.” Continuam jogando bosta na Geni!...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAUNSTEIN, N.A. e FUCKS, B.B. (Org.) (2011). *100 anos de novidade*. Rio de Janeiro, RJ: Contra capa.

DE HOLANDA, C.B. (1980). *Geni e o zepelim. Álbum A ópera do malandro*. Rio de Janeiro, RJ: Philips.

FREUD, S. (1996). Edição Standart das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (2 ed.) *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro, RJ:

_____ (2006). *Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci*. (16. ed.) Buenos Aires-Madrid: Amorroutu.

_____ (1915) (2006). *Pulsiones y destinos de pulsión*. (12. ed.) Buenos Aires-Madrid: Amorroutu, 2006.

FUCKS, B. B. (2013). "Psicanálise, xenofobia: algumas reflexões". *As homossexualidades na psicanálise – na história de sua despatologização*, Organizadores: JORGE, M. A. C. e QUINET, A., Rio de Janeiro, RJ: Segmento Farma.

JORGE, M. A. C. (2011). "A subversão freudiana, de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* a "Moral sexual cultural". *100 anos de novidade*. Rio de Janeiro, RJ: Contra capa.

MATOGROSSO, N. (2014). Entrevista à Marília Gabriela. São Paulo: TV Bandeirantes.

QUINET, A. e JORGE, M. A. C. (2013). *As homossexualidades na psicanálise – na história de sua despatologização*, Rio de Janeiro, RJ: Segmento Farma.

ROUDINESCO, E. (2009). *Em defesa da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Recebido em 09/10/2015.

Aprovado para publicação em 11/01/2016.